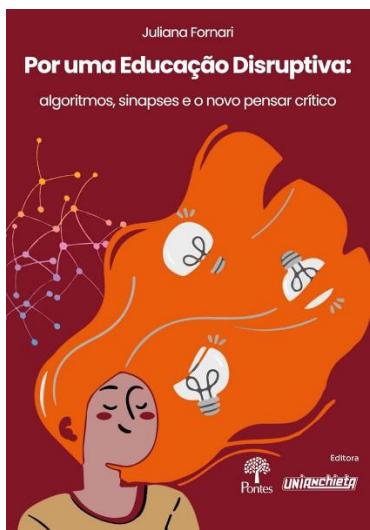


RESENHA

POR UMA EDUCAÇÃO DISRUPTIVA, DE JULIANA FORNARI



Simone Hedwig HASSE²⁵

A obra *Por uma educação disruptiva: algoritmos, sinapses e o novo pensar crítico*, de Juliana Fornari (2025), constitui um estudo sensível e rigoroso sobre os desafios contemporâneos da educação diante da cultura digital, das transformações cognitivas e da emergência da inteligência artificial. A autora propõe uma reflexão ética e humanizadora acerca da formação docente e do papel da escola em um mundo extremamente conectado, no qual o digital deixa de ser ferramenta para se tornar ambiente de existência. O livro articula referências fundamentais e contemporâneas (como Hegel, Freire, Nôvoa e Damasio), bem como atuais (como documentos recentes da Unesco e do Fórum Econômico Mundial), para sustentar a tese de que a disruptão necessária na educação não é tecnológica, mas paradigmática, que exige repensar o modo de ensinar, aprender e viver em coletividade.

O capítulo 1, “Apesar de tudo, a educação nos move”, abre a obra com uma análise do tempo presente, marcado pela crise de paradigmas e pela urgência de um novo horizonte ético para as escolas e as universidades. Fornari afirma que o problema não está apenas nas ferramentas ou nas metodologias, mas na cultura escolar ainda centrada na memorização e na passividade. Inspirando-se em Nôvoa e Freire, a autora propõe uma formação voltada para a complexidade e a dúvida, em que a docência se configure como gesto político e reflexivo. A metáfora do “leme e do vento” sintetiza o capítulo: se o vento representa as transformações velozes da era digital, o leme é o compromisso ético de cada educador em manter o rumo da humanidade.

O capítulo 2, “Cibercultura e a cultura do cyber”, adentra o universo da conectividade

²⁵ Docente integrante da Equipe da Curadoria do UniAnchieta. Pedagoga. Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep).

e discute a dissolução das fronteiras entre o real e o virtual. A autora revisita Pierre Lévy e Castells para compreender como a escola, ainda estruturada sob a lógica industrial, precisa ressignificar-se diante da cultura das redes. Fornari argumenta que não se trata de adaptar-se às tecnologias, mas de compreender criticamente os algoritmos e seus impactos na formação de subjetividades e na produção do conhecimento. O texto destaca o papel da escola como espaço de curadoria de sentidos e de formação para o uso ético e consciente das tecnologias digitais, onde o letramento midiático é condição de cidadania.

No capítulo 3, “*Docência e identidade em reconstrução*”, a autora discute o processo de reinvenção do professor diante de um cenário de incertezas e mutações cognitivas. Retomando Freire e Nóvoa, defende que ser professor no século XXI é aceitar a incompletude e a necessidade de formação contínua. A identidade docente, diz Fornari, não se perde com as tecnologias, mas se transforma: o professor deixa de ser transmissor de conteúdo para tornar-se mediador, designer de experiências e criador de ecossistemas de aprendizagem afetiva e intelectual. Nesse contexto, a autora ressalta o papel das emoções e da neurociência na aprendizagem, reafirmando que ninguém aprende sob ameaça e que o vínculo é o alicerce da educação significativa.

O capítulo 4, “*Entre o presencial e o virtual: o novo estar junto*”, analisa as reconfigurações das relações pedagógicas mediadas por tecnologias e metodologias híbridas. Fornari recusa a dicotomia entre o ensino presencial e a educação a distância, compreendendo-os como modos complementares de convivência e produção de conhecimento. Inspirando-se em Moran e Meirieu, defende que o desafio é criar presença na ausência física, estabelecendo vínculos autênticos em ambientes digitais. A autora destaca que a verdadeira inovação não está nas plataformas, mas na intencionalidade pedagógica e na construção coletiva de sentidos, na qual a empatia e a escuta ativa se tornam ferramentas fundamentais.

O capítulo 5, “*Pensamento crítico na era digital: a última fronteira da inteligência humana*”, constitui o núcleo conceitual da obra. Fornari explora como o excesso de informações e a cultura algorítmica desafiam a autonomia intelectual. Retomando Freire, a autora propõe um novo pensar crítico, capaz de discernir, contextualizar e resistir às manipulações tecnológicas. O capítulo enfatiza a importância da educação midiática e da alfabetização digital crítica como instrumentos de emancipação. A escola, afirma Fornari, precisa formar leitores de mundo capazes de compreender os mecanismos de controle e

influência presentes nas redes, promovendo um agir ético e consciente diante da avalanche informacional.

O capítulo 6, “*O leme e o vento: ética, IA e humanização da educação*”, sintetiza e amplia os temas anteriores ao refletir sobre a presença da inteligência artificial na vida escolar. Fornari reconhece os benefícios e os riscos dessa tecnologia, alertando para o perigo de sua centralização no processo educativo. A autora defende que a inteligência artificial pode personalizar trajetórias de aprendizagem, mas jamais substituir o olhar humano, a escuta sensível e o afeto. O capítulo propõe, assim, uma educação que harmonize razão técnica e sensibilidade ética, em que o uso das tecnologias esteja a serviço da dignidade, da liberdade e da construção de sentidos. Trata-se de um chamado à humanização radical em tempos de automação.

Ao longo da obra, Juliana Fornari articula coerentemente teoria e prática, costurando reflexão, emoção e compromisso social. Sua escrita combina rigor acadêmico e linguagem poética, aproximando o leitor da experiência sensível do educar. A disruptão que propõe é, antes de tudo, epistemológica e humana: repensar a escola e a universidade como espaços vivos de criação, diálogo e esperança crítica.

A obra também é enriquecida pelas contribuições de *Janes Fidélis Tomelin, Ana Carolina Antunes Naime, Fabiano Ormaneze, Karina Nones Tomelin, Antonio Carlos Valini Vacilotto, Julyany Rodrigues Gonçalves, Ana Valéria Reis e Viviane Marques Goi*, cujas reflexões dialogam com as da autora e ampliam o debate sobre ética, tecnologia, docência e humanização. Essa interlocução plural evidencia o caráter coletivo da obra e reafirma a educação como espaço de construção compartilhada de sentidos.

Em síntese, *Por uma educação disruptiva* é uma leitura essencial para educadores, pesquisadores e gestores que desejam compreender os rumos da educação em meio às transformações digitais e éticas do nosso tempo. O livro convida à ação e à esperança, porque, como a autora insiste, “a educação nos move”, e é pela mão dos professores que o vento da mudança pode, enfim, encontrar seu leme.

Referência bibliográfica

FORNARI, Juliana. **Por uma educação disruptiva:** algoritmos, sinapses e o novo pensar crítico. Campinas: Pontes Editores, 2025. 208 p. ISBN 978-85-217-0794-3.